

I

A idéia do trágico

(1) – Existe tragédia toda vez em que o homem depara-se com forças que lhe escapam e o conduzem a cometer atos cujas conseqüências também lhe escapam ao controle, qualquer que seja o nome que se dê a essas forças: deuses, fatalidade, paixão, a moral, o inconsciente, o tempo, etc.

(2) Os estudos interpretativos do trágico

a) Na Grécia

A1) Aristóteles, na sua poética:

- “na tragédia devem imitar-se ações que suscitem piedade e temor”.
- Aristóteles ainda afirma que “a excitação da piedade e do temor é uma purificação ou catarse de tais emoções”.

A2) Nietzsche: são conhecidos seus estudos sobre tragédia grega: identifica nos dois princípios – o apolíneo e o dionisiaco – a origem da tragédia o fundamento da própria estética.

- O apolíneo: é o símbolo da harmonia, do equilíbrio, da bela aparência. Exprime sabedoria. Serenidade, ordem, disciplina. É o símbolo divino do princípio de individualização.
- O dionisiaco: é a imagem da força instintiva e da saúde, é embriaguez criativa e paixão sensual; é o símbolo de uma humanidade em plena harmonia com a natureza. Expressa o fim da individuação. É o mergulho no todo da natureza, com suas forças inconscientes e permanentemente mutantes. Pode parecer bárbaro ao espírito apolíneo, mas este não pode viver sem o dionisiaco.
- Para Nietzsche, portanto, a tensão dos dois princípios é permanente na existência humana.
Mediante o princípio dionisiaco, o ser humano como que sai de si mesmo para fazer parte de qualquer coisa mais vasta e profunda; enquanto no princípio apolíneo, o homem encontra a fonte de sua vida individual e de consciência pessoal.
O sentimento trágico da vida é a consciência desse conflito absoluto e insolúvel, no qual o seu humano, o existente, se sente esquarterado”.

b) Pascal (séc. XVII): a angústia metafísica e a idéia de abandono radical.

Diz ele: “O que é o homem na Natureza? Um nada em relação ao infinito; um tudo em relação ao nada; algo de intermediário entre o nada e o tudo. Infinitamente distante de poder abraçar os extremos, o princípio e o fim das coisas lhe são irremediavelmente ocultos, em um impenetrável segredo, pois

ele é igualmente incapaz de ver o nada do qual foi extraído, e o infinito pelo qual está sendo tragado”. (Penssées, sec. II, 72).

Portanto, com Pascal consolida-se a idéia de que o ser humano é radicalmente e existencialmente trágico.

O trágico é da própria condição humana.

- c) Ora, essa consciência da tragicidade radical da condição humana permeará o pensamento de vários escritores e filósofos dos séculos XIX e XX. Assim, para citar apenas os mais representativos nesse particular:
- além de Nietzsche, Shopenhauer, Kierkegaard, Jaspers, Sartre, Camus, Heidegger. Escreve, por exemplo, Heidegger: “ Atirado na existência, o homem sente o seu inacabamento essencial e nele tem uma fonte de uma inquietude insanável”. (O ser e o tempo).

II

A inexistência ou a ruptura do diálogo como causa do trágico

1) A essência do diálogo

- a) O diálogo é da essência do ser humano. Existe diálogo, quando indivíduos ou grupos procuram superar suas divergências mediante argumentos e objeções, e nunca pela violência.
- b) Dialogar não é só a capacidade de saber falar; é, sobretudo, a capacidade de saber ouvir.
- c) Diálogo é mais do que simples comunicação. O diálogo pressupõe: 1) concepção relativista dos valores; 2) espírito de tolerância; 3) aceitação da convivência dos contrários; 4) reconhecimento da igualdade entre o Eu e o Outro; 5) espírito de boa vontade permanente (Kant).
- d) O diálogo, assim compreendido, encontra-se na própria estrutura ontológica do ser humano. Sua estrutura lingüística é apenas um reflexo de sua estrutura ontológica.
- e) O diálogo constitui o universo do inter-humano. O inter-humano, ou a inter-subjetividade, a inter-individualidade é necessário para existir o “diálogo”.
- f) O diálogo, no plano comunitário, (nacional ou internacional) é a Democracia. Ela prega a justiça da liberdade, da tolerância, a justiça da dignidade humana.
- g) o contrário do relativismo dialógico, do Diálogo, é o Absolutismo.

- h) A lógica do Absolutismo é a Autocracia. Para a Autocracia, o contrário dela é o Mal Absoluto - e o mal absoluto se combate de forma absoluta, isto é, mediante a vigilância e o controle totalitário, a repressão e o aniquilamento.
- i) Conseqüências de ruptura do diálogo:
- 1) no plano individual: a angústia metafísica; a consciência da absurdidade da existência; a consciência de um castigo sem culpa.
 - 2) No plano social: a exploração do homem pelo homem, revoluções
 - 3) No plano internacional: a exploração dos países mais pobres; as guerras, etc.

III

O trágico em José Américo

- 1) A causa da tragédia: a) não é a ruptura do diálogo com o divino ou o destino(gregos); b) não é totalmente psicológico; c) é a ruptura do diálogo social.
- 2) Análise de "A Bagaceira":
 - a) Pai e filho – Dagoberto e Lúcio
 - b) Soledade (solidão) – incompreendido
 - c) Valentim e Pirunga
 - d) O feitor e os cabras do cito
 - e) Os retirantes e os homens do brejo
 - f) A tragédia continua
 - 1) as frustrações de Lúcio
 - 2) o símbolo de resistência da heroína principal vítima da tragédia: seu filho.
 - 3) "A dor é universal porque é uma expressão da humanidade".
"O cavalo soerguia-se nas patas dianteiras, do joelhos, e, a cada esforço, resfolegava num gemido autêntico. Nessa atitude irmanava-se pela dor suprema à condição humana".

João Pessoa, 03/12/98

Tarcísio Burity